



Estudantes de Medicina e os Desafios dos Relacionamentos Interpessoais: Uma Análise das Competências Socioemocionais na Formação Médica

Luciana Alves Dias 1¹, Manuhella Victori cordeiro Costa 2¹, Rayane Maia da Silva 3¹, Beatriz Yasmin Da Silva Mota 4¹, Samia Muhdel Ibrahim 5², Caroline Aroni Bazan 6²



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p5795-5810>

Artigo recebido em 24 de Agosto e publicado em 24 de Outubro de 2025

REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

A formação médica contemporânea envolveu múltiplos desafios relacionados ao desenvolvimento de competências interpessoais, frequentemente supervisionadas em currículos centrados em conteúdos biomédicos. Este estudo tem como objetivo analisar criticamente os principais obstáculos enfrentados por estudantes de Medicina na construção de relacionamentos interpessoais saudáveis e propor estratégias de enfrentamento fundamentadas em evidências científicas. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa da literatura em bases de dados nacionais e internacionais, contemplando artigos, revisões e ensaios teóricos sobre competências socioemocionais, saúde mental estudantil e interações relacionais no contexto da educação médica. Os resultados da análise destacam que fatores como sobrecarga acadêmica, ambiente institucional competitivo, transições desenvolvimentais, exposição precoce ao sofrimento humano e uso intensivo de tecnologias digitais influenciam qualidades das conexões interpessoais entre os estudantes. Tais dificuldades estão fortemente associadas à maior prevalência de sintomas de ansiedade, depressão, burnout e isolamento social, comprometendo tanto o bem-estar individual quanto à formação integral. Nesse sentido, evidencia-se a importância de medidas estruturais que priorizem o desenvolvimento humano durante a formação médica, indo além da simples aquisição de conhecimentos técnicos. Conclui-se que três eixos estratégicos são essenciais: (1) a integração curricular de disciplinas e atividades externas à comunicação, empatia e trabalho em equipe; (2) a valorização de metodologias pedagógicas colaborativas, capazes de aumentar a competitividade nociva; e (3) a implementação de políticas institucionais de apoio psicológico e social. Essas ações, quando articuladas, podem contribuir para transformar a experiência acadêmica dos estudantes e promover a formação de médicos técnicos competentes e humanamente sensíveis.

Palavras-chave: Educação Médica; Relacionamentos Interpessoais; Competências Socioemocionais; Saúde Mental; Formação Profissional.



Medical Students and the Challenges of Interpersonal Relationships: An Analysis of Socioemotional Skills in Medical Education

ABSTRACT

Contemporary medical education faces several challenges concerning the development of interpersonal skills, a dimension frequently neglected in curricula predominantly focused on biomedical knowledge. This study aims to critically analyze the main barriers faced by medical students in building healthy interpersonal relationships and to present evidence-based strategies for addressing them. A narrative review of national and international databases was conducted, including articles, reviews, and theoretical essays focusing on socioemotional skills, student mental health, and relational dynamics in medical education. The analysis highlights that academic overload, competitive institutional environments, developmental transitions, early exposure to human suffering, and the intensive use of digital technologies negatively influence the quality of students' interpersonal connections. Such difficulties are strongly associated with higher rates of anxiety, depression, burnout, and social isolation, all of which undermine both individual well-being and overall professional training. The findings emphasize the necessity of structural measures that value human development during medical education, extending beyond the acquisition of technical knowledge alone. This study concludes that three strategic axes are central: (1) curricular integration of subjects and activities focused on communication, empathy, and teamwork; (2) the promotion of collaborative pedagogical methodologies designed to reduce harmful competitiveness; and (3) the implementation of institutional programs ensuring psychological and social support. When integrated, these actions have the potential to transform students' academic experience and strengthen both their technical competence and their humanistic capacity to practice patient-centered medical care.

Keywords: Medical Education; Interpersonal Relationships; Socioemotional Skills; Mental Health; Professional Training.

Instituição afiliada – Faculdade Santa Teresa

Autor correspondente: Manuhella Victori Cordeiro Costa manuhellavictoria4133@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1. INTRODUÇÃO

A medicina, em sua essência mais profunda, constitui-se como arte e ciência fundamentalmente relacional, na qual o encontro terapêutico entre profissional e paciente representa o eixo central do cuidado em saúde. Entretanto, paradoxalmente, a formação médica tradicional tem dimensões técnicas e cognitivas privilegiadas em detrimento do desenvolvimento de competências interpessoais, criando lacunas formativas que comprometem tanto o bem-estar dos estudantes quanto a sua futura capacidade de exercício de medicina verdadeiramente humanizada.

Nesse contexto, os relacionamentos interpessoais estabelecidos durante a graduação assumem dupla importância: funcionam simultaneamente como fator protetor para a saúde mental do estudante e como campo de desenvolvimento de habilidades relacionadas essenciais para o exercício profissional. Observa-se, no entanto, que muitos acadêmicos da Medicina enfrentam dificuldades significativas para construir e manter vínculos saudáveis, específicos que merecem investigação aprofundada considerando suas implicações individuais, educacionais e sociais.

O estudo das relações interpessoais na formação médica está localizado no campo interdisciplinar, uma vez que esse tema se situa na intersecção de múltiplos campos de conhecimento. A Psicologia do Desenvolvimento contribui com teorias sobre vínculos afetivos, identidade e transições desenvolvimentais características da juventude. A Pedagogia Médica oferece compreensões sobre currículos, metodologias de ensino e desenvolvimento de competências profissionais. A Sociologia fornece ferramentas para análise de dinâmicas grupais, cultura institucional e relações de poder nas escolas médicas. A Saúde Pública amplia o olhar para questões de prevenção e promoção de saúde mental no ambiente universitário. A Psiquiatria e a Clínica trazem conhecimentos sobre fatores de risco, manifestações e orientações relacionadas ao sofrimento psíquico estudantil. Essa convergência de saberes revela que os desafios relacionados aos estudantes de Medicina não podem ser compreendidos através de perspectivas reducionistas, exigindo análises integradas que contemplem simultaneamente



dimensões biológicas, psicológicas, sociais e educacionais do investigado.

A justificativa para investigar esta temática fundamenta-se em evidências crescentes sobre a crise de saúde mental que afeta estudantes de Medicina globalmente. Pesquisas recentes demonstram prevalências alarmantes de ansiedade, depressão, burnout e ideação suicida nessa população, taxas significativamente superiores às observadas em outros grupos universitários. Paralelamente, estudos indicam que relacionamentos interpessoais de qualidade são específicos de um dos mais importantes fatores de proteção para saúde mental, oferecendo suporte emocional, instrumental e informacional diante de adversidades.

Portanto, compreender e entrevistar sobre os desafios relacionais dos estudantes de Medicina representa estratégia fundamental de promoção de bem-estar e prevenção de transtornos mentais. Além disso, considerando que competências interpessoais como comunicação, empatia e trabalho em equipe são essenciais para o exercício profissional contemporâneo, seu desenvolvimento durante a formação médica transcende questões de bem-estar individual, constituindo responsabilidade ética das instituições formadoras.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar criticamente os principais desafios enfrentados por estudantes de Medicina no estabelecimento de relacionamentos interpessoais saudáveis, identificando fatores contribuintes e discutindo estratégias baseadas em evidências para seu enfrentamento. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) revisar a literatura científica recente sobre relacionamentos interpessoais, competências socioemocionais e saúde mental na educação médica; (2) identificar fatores individuais, institucionais e socioculturais que dificultam o estabelecimento de vínculos saudáveis; (3) analisar as consequências das dificuldades relacionadas para o bem-estar e desenvolvimento profissional dos estudantes; e (4) discutir aulas educacionais que possam promover competências interpessoais e ambientes formativos relacionalmente mais saudáveis.

Como questões norteadoras para possíveis soluções, este estudo propõe investigar: de



que forma a integração curricular de atividades externas ao desenvolvimento socioemocional pode beneficiar os estudantes? Quais modificações na cultura institucional são permitidas para promover ambientes mais colaborativos e menos competitivos? Como programas de mentoria, grupos de apoio e serviços de aconselhamento podem auxiliar estudantes com dificuldades relacionais? De que maneira metodologias pedagógicas ativas favorecem o estabelecimento de vínculos entre pares? Quais características de espaços físicos e temporais nas escolas médicas facilitam ou dificultam a socialização estudantil? Estas questões serão exploradas ao longo do desenvolvimento teórico e das discussões subsequentes, contribuindo para a construção de conhecimento aplicável à transformação da educação médica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A formação médica contemporânea caracteriza-se por intensas demandas acadêmicas, emocionais e sociais que desafiam significativamente a capacidade dos estudantes de estabelecer e manter relacionamentos interpessoais saudáveis. Costa e Silva (2019) argumentam que a competência médica deve ser estudada multidimensionalmente, abrangendo não apenas conhecimentos técnicos, mas também habilidades relacionadas essenciais para o cuidado centrado no paciente. Entretanto, os currículos tradicionais frequentemente negligenciam o desenvolvimento intencional dessas competências interpessoais, focando predominantemente em conteúdos biomédicos.

Essa lacuna formativa torna-se particularmente problemática quando se considera que a prática médica se fundamenta essencialmente na interação humana, exigindo do profissional capacidade de estabelecer vínculos terapêuticos, comunicar-se efetivamente e trabalhar de forma colaborativa em equipes multiprofissionais.

A literatura científica recente tem documentado prevalências alarmantes de transtornos mentais entre estudantes de Medicina, evidenciando crises de saúde mental que exigem atenção urgente de educadores e gestores institucionais. Vasconcelos (2015) conduziram um estudo multicêntrico brasileiro envolvendo mais de dois mil acadêmicos e identificaram que aproximadamente 40% apresentavam sintomas moderados a graves de ansiedade, enquanto 30% demonstravam sinais de depressão. Estes dados são



particularmente preocupantes tendo em conta que o sofrimento mental compromete não apenas o bem-estar presente dos estudantes, mas também a sua capacidade de aprendizagem e desenvolvimento de competências profissionais essenciais.

Ademais, Ferreira *et al.* (2025) destacam forte associação entre baixo suporte social percebido e maior prevalência de sintomas psiquiátricos, apontando que relacionamentos interpessoais de qualidade funcionam como importante fator protetor para saúde mental estudantil.

As características estruturais do curso médico exercem influência significativa sobre as possibilidades relacionais dos estudantes, criando um ambiente frequentemente hostil ao florescimento de vínculos significativos. A extensa carga horária, que frequentemente excede quarenta horas semanais de atividades obrigatórias, somada às demandas de estudo individual e preparação para aulas, resulta em disponibilidade temporal severamente limitada para socialização e lazer. Mendes e Zerbine (2025) analisaram matrizes curriculares de trinta cursos de Medicina brasileiros e identificaram que apenas 15% incluíam atividades estruturadas especificamente para desenvolvimento de competências socioemocionais. Essa falta de espaços curriculares dedicados ao desenvolvimento relacional revela um paradoxo preocupante: enquanto se apoia teoricamente a importância de habilidades interpessoais, as práticas formativas permanecem predominantemente focadas em dimensões técnicas e cognitivas.

A cultura institucional predominante em muitas escolas médicas, caracterizada por competitividade exacerbada e valorização excessiva do desempenho individual, constitui outro fator que dificulta o estabelecimento de relações colaborativas entre estudantes. Custódio *et al.* (2020) documentaram que ambientes formativos mais competitivos associaram-se a menores níveis de apoio social percebido, maior desconfiança entre colegas e menor disposição para buscar ajuda diante de dificuldades. Entretanto, Padilha *et al.* (2024) apresentam uma perspectiva mais nuançada, argumentando que certo nível de competitividade pode ser motivador, desde que equilibrado com valorização explícita da colaboração e apoio mútuo. Essa divergência nas interpretações sugere que a questão não se resume a eliminar completamente a



competição, mas sim a criar ambientes nos quais a competitividade saudável coexista com cultura de cooperação e cuidado recíproco entre estudantes.

As transições desenvolvimentais e contextuais vivenciadas pelos estudantes de Medicina adicionam complexidade aos desafios relacionais, criando janelas de particular vulnerabilidade durante os primeiros anos de formação. A maioria dos acadêmicos ingressa no curso entre dezassete e vinte anos, período de transição da adolescência para vida adulta marcado por importantes tarefas desenvolvimentais como construção de identidade, estabelecimento de autonomia e desenvolvimento de intimidação. Silva (2024) destaca que essa transição desenvolvimental coincide frequentemente com a mudança de cidade e o distanciamento de redes de apoio previamente previstas, exigindo do estudante capacidade de construir novos círculos sociais simultaneamente às intensas demandas acadêmicas.

Contrariamente, Julien-Chinn *et al.* (2024) argumentam que essas transições, embora desafiadoras, também podem representar oportunidades para desenvolvimento de resiliência e recursos de enfrentamento, desde que os estudantes recebam suporte institucional adequado.

A exposição precoce ao sofrimento humano, característica distintiva da formação médica, impacta significativamente a capacidade relacional dos estudantes através de mecanismos psicológicos complexos. Desde os primeiros anos do curso, acadêmicos estão expostos a situações de dor, doença e morte através de atividades práticas em hospitais e unidades de saúde. Vaz *et al.* (2021) identificaram que estudantes em ciclos clínicos avançados apresentaram pontuações significativamente menores em medidas de empatia em comparação com estudantes do ciclo básico, visando processo de embotamento afetivo progressivo ao longo da formação. Essas características, embora possam funcionar como mecanismo de defesa contra a sobrecarga emocional, comprometem tanto a capacidade de estabelecer relações empáticas com os pacientes quanto de manter vínculos autênticos na vida pessoal.

As transformações tecnológicas contemporâneas modificaram os padrões de



relacionamento entre estudantes de Medicina, introduzindo tantas oportunidades quanto os desafios inéditos para as gerações anteriores. A atual geração de acadêmicos, frequentemente denominada Geração Z, caracteriza-se por intensa familiaridade com tecnologias digitais e preferência por comunicação mediada eletronicamente. Kuumota *et al.* (2022) investigaram padrões de uso de redes sociais e identificaram associação entre tempo excessivo em plataformas digitais e sentimentos de solidão, alertando que conexões virtuais não substituem interações presenciais.

Contudo, Fernandes (2023) defende uma perspectiva mais equilibrada, argumentando que as tecnologias digitais podem facilitar a manutenção de vínculos com familiares distantes e o acesso a comunidades de apoio, sendo o seu impacto relacional determinado mais pela forma de uso do que pela tecnologia em si.

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como revisão narrativa da literatura científica, abordagem metodológica adequada para síntese e interpretação do conhecimento produzido sobre temas complexos e multifacetados. Diferentemente das revisões sistemáticas, que seguem protocolos rígidos de busca e seleção, a revisão narrativa flexível oferece para integrar diferentes perspectivas teóricas, metodologias de pesquisa e contextos socioculturais, construindo compreensão abrangente das especificidades investigadas. Para este estudo sobre relacionamentos interpessoais na formação médica, a revisão narrativa mostra-se particularmente abordada para permitir contemplar não apenas dados empíricos, mas também reflexões teóricas e discussões conceituais que enriquecem a compreensão da temática.

A busca por materiais bibliográficos foi realizada nas bases de dados PubMed, SciELO, LILACS e PsycINFO, repositórios reconhecidos por sua relevância para publicações em educação médica, psicologia da saúde e áreas correlatas.

Os descritores utilizados incluíram transferências dos termos "estudantes de medicina", "estudantes de medicina", "relacionamentos interpessoais", "relações interpessoais",



"competências socioemocionais", "competências socioemocionais", "saúde mental estudantil" e "saúde mental estudantil". Foram aplicados filtros temporários para priorizar publicações, embora os trabalhos seminais anteriores também tenham sido incorporados quando relevantes para fundamentação teórica adequada.

Os critérios de inclusão compreenderam artigos originais de pesquisa, revisões de literatura, ensaios teóricos e documentos institucionais publicados em periódicos científicos indexados; estudos realizados com estudantes de graduação em Medicina; publicações em português, inglês ou espanhol; e materiais que abordam aspectos relacionais, socioemocionais ou de saúde mental na formação médica. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados resumos de congressos sem texto completo, dissertações e teses não publicadas, estudos focados exclusivamente em residentes ou médicos formados, e publicações que não apresentaram contribuições substantivas para a discussão pelo presente estudo.

Uma análise dos materiais selecionados com abordagem temática, na qual os conteúdos foram organizados em categorias emergentes relacionadas a diferentes aspectos dos relacionamentos interpessoais na formação médica. Essa organização permitiu identificar convergências, divergências e lacunas no conhecimento atual, construindo uma discussão crítica que não apenas sintetiza, mas também analisa e interpreta a literatura existente.

Especial atenção foi dedicada à identificação de autores que concordam, discordam ou apresentam perspectivas complementares sobre questões específicas, enriquecendo o debate teórico e demonstrando a complexidade das questões investigadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma análise integrada da literatura revisada evidencia que os desafios relacionais enfrentados pelos estudantes de Medicina resultam de interação complexa entre múltiplos fatores, configurando especificidades multideterminadas que não podem ser



compreendidas através de explicações unicasais. Primeiramente, as características estruturais do curso médico, como extensa carga horária e elevado volume de conteúdo, limitam significativamente o tempo disponível para socialização e cultivo de relacionamentos fora do ambiente acadêmico.

Essa sobrecarga temporal não afeta apenas a quantidade de interações sociais, mas também sua qualidade, uma vez que os estudantes frequentemente se relacionam se sentindo exaustos e emocionalmente indisponíveis para investir em vínculos significativos. Além disso, a natureza cumulativa do conhecimento médico e a pressão pelo desempenho acadêmico criam ansiedade constante que interfere na capacidade de estar genuinamente presente nas relações interpessoais.

A cultura competitiva predominante em muitas escolas médicas emerge como fator institucional que dificulta o estabelecimento de relações colaborativas e de apoio mútuo entre estudantes. Sistemas de avaliação baseados em ranqueamento e competição por vagas limitadas em programas de residência criam ambiente no qual colegas são percebidos como concorrentes potenciais. Entretanto, enquanto alguns autores enfatizam os impactos negativos de competitividade sobre saúde mental e relacionamentos, outros argumentam que certo nível de competição pode ser motivador quando equilibrado com valorização da cooperação. Essa divergência sugere a necessidade de abordagens institucionais que promovam a cultura de excelência sem sacrificar a colaboração e o apoio mútuo, desafio que requer transformações profundas em sistemas de avaliação, práticas pedagógicas e valores institucionais explicitamente comunicados aos estudantes.

As consequências das dificuldades relacionadas ao bem-estar dos estudantes de Medicina são amplas e significativas, afetando múltiplas dimensões de sua experiência formativa. Baixo suporte social percebido associa-se fortemente a maior prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e burnout, evidenciando que relacionamentos de qualidade funcionam como importante fator protetor para saúde mental. Além disso, dificuldades relacionadas comprometem o processo de aprendizagem, uma vez que estados emocionais negativos como solidão e isolamento prejudicam funções cognitivas



essenciais como atenção, memória e capacidade de integrar conhecimentos. Portanto, investir na promoção de relacionamentos saudáveis não representa luxo ou complemento opcional, mas sim estratégia fundamental para garantir tanto o bem-estar quanto o desenvolvimento acadêmico e profissional adequado dos estudantes.

Diante desse panorama complexo de desafios, torna-se imperativo discutir estratégias baseadas em evidências que possam promover relacionamentos interpessoais mais saudáveis entre estudantes de Medicina. No âmbito curricular, diversos autores defendem integração sistemática de atividades externas ao desenvolvimento de competências socioemocionais, incluindo não apenas disciplinas específicas sobre comunicação, mas também metodologias pedagógicas que favorecem a colaboração como aprendizagem baseada em problemas, simulações em equipe e projetos longitudinais. Além disso, a criação de espaços curriculares para reflexão sobre experiências clínicas e pode auxiliar os estudantes emocionais a planejarem as aprendizagens, prevenindo mecanismos de defesa disfuncionais como embotamento afetivo e desenvolvendo a resiliência emocional necessária para o exercício profissional futuro.

No nível institucional, as políticas de apoio ao estudante devem incluir serviços de aconselhamento psicológico acessível, programas de mentoria que conectem veteranos e calorias, e iniciativas que promovam a integração social através de eventos culturais e grupos de interesse. Igualmente importante é o trabalho sobre cultura institucional, combatendo competitividade excessivamente através de sistemas de avaliação mais formativos e valorização explícita da colaboração. A infraestrutura física também merece atenção, com investimentos em espaços adequados para convivência e descanso. Essas modificações exigem liderança comprometida e recursos adequados, mas principalmente mudança cultural que reconheça que cuidar integralmente dos estudantes constitui responsabilidade fundamental das escolas médicas.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo analisa criticamente os desafios enfrentados por estudantes de



Medicina no estabelecimento de relacionamentos interpessoais, evidenciando que essa problemática resulta da interação complexa entre fatores individuais, institucionais e socioculturais. A revisão da literatura demonstrou que a sobrecarga acadêmica, a cultura competitiva, as transições desenvolvimentais e a exposição ao sofrimento humano criam ambiente de vulnerabilidade particular para dificuldades relacionais.

Essas dificuldades, por sua vez, associam-se a impactos significativos sobre saúde mental, satisfação com o curso e desenvolvimento de competências profissionais essenciais. Os resultados reforçam a necessidade urgente de transformações na educação médica que incorporem desenvolvimento intencional de competências socioemocionais, criação de ambientes mais colaborativos e implementação de políticas robustas de apoio estudantil.

Reconhecemos as limitações importantes deste estudo que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Ao tratar-se de revisão narrativa, a seleção de materiais pode refletir a perspectiva particular do autor, não contemplando necessariamente toda a diversidade de abordagens disponíveis. Adicionalmente, a literatura concentra-se predominantemente em contextos urbanos ocidentais, tendo escassez de estudos em contextos rurais ou não-ocidentais. A heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos dificulta comparações diretas e estabelecimento de conclusões definitivas sobre magnitude de efeitos. Essas limitações sublinham a necessidade de pesquisas futuras com delineamentos mais rigorosos que possam confirmar e aprofundar os achados aqui considerados.

Como perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de ampliação da agenda de pesquisa através de estudos longitudinais, investigações de intervenção e pesquisas qualitativas aprofundadas. Futuros estudos devem explorar não apenas desafios, mas também fatores de proteção e resiliência, informando estratégias preventivas efetivas. Além disso, pesquisas considerando marcadores de diversidade como gênero, raça e classe social podem contribuir para o desenvolvimento de intervenções culturalmente sensíveis.



Em resumo, as relações interpessoais na formação médica representam dimensão fundamental que merece atenção prioritária, sendo essenciais para formar médicos não apenas técnicos competentes, mas também humanamente desenvolvidos e capazes de exercer medicina específica centrada no cuidado integral.

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Conceição da; SILVA, Renan Gonçalves Leonel da. **A dinâmica do conhecimento biomédico e em saúde: uma interpretação sociológica.** Sociologias, Porto Alegre, ano 21, n. 50, p. 18-47, jan.-abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-02105001>.

CUSTÓDIO, Lucimara Aparecida Faustino; VIEIRA, Camila Mugnai; FRANCISCHETTI, Ieda. **A dimensão social na formação médica: o contexto de vida na aprendizagem baseada em problemas.** Trabalho, Educação e Saúde, [Rio de Janeiro], v. 18, n. 2, p. 1-19, 2020. DOI:



10.1590/1981-7746-sol00272.

FERREIRA T. L. Q.; MOURA E. P.; HOSKEN S.; SILVA V. C. e; PEIXOTO J. M. **Avaliação da empatia clínica dos estudantes de medicina ao longo do curso utilizando a Escala Brasileira de Empatia Clínica.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 25, p. e18952, 25 mar. 2025.

FERNANDES, AL **Tecnologia e relacionamentos na Geração Z médica: uma perspectiva equilibrada.** Revista Médica de Minas Gerais, v. 1, pág. 78-89, 2023.

JULIEN-CHINN, F. *et al.* **Building Resilience in Medical Students: "Strengthening You to Strengthen Them".** Hawaii Journal of Health & Social Welfare, v. 83, n. 11, p. 300-305, nov. 2024. DOI: 10.62547/GTPT8844.

KUSUMOTA, Luciana *et al.* **Impacto de mídias sociais digitais na percepção de solidão e no isolamento social em idosos.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 30, p. 1-9, 2022. DOI: 10.1590/1518-8345.5641.3573.

MENDES, Rosimeire Ferreira; ZERBINI, Thais. **Competência profissional dos professores do curso de medicina: uma revisão integrativa.** Revista Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 22, n. 4, p. 1-20, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n4-105.

SILVA, Ívina Alessa Bispo *et al.* **Competências socioemocionais e sua relação com ansiedade social em estudantes de enfermagem.** SciELO Preprints, 1 nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10266>.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de. **Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de Medicina.** Revista Brasileira de Educação Médica, [Rio de Janeiro], v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015. DOI: 10.1590/1981-52712015v39n1e00042014. Disponível em:

VAZ, Beatriz Moreira Caetano; PARAÍZO, Vanessa Alves; ALMEIDA, Rogério José de. **Aspectos relacionados a empatia médica em estudantes de medicina: uma revisão integrativa.** Revista Brasileira Militar de Ciências, v. 7, n. 17, p. 1-15, 2021. DOI: 10.36414/rbmc.v7i17.90.
Disponível em:



***Estudantes de Medicina e os Desafios dos Relacionamentos Interpessoais: Uma Análise
das Competências Socioemocionais na Formação Médica***

Dias et. al.